



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

EDUCADORAS NORTE-AMERICANAS SOLTEIRAS: DISPONIBILIDADE PARA O TRABALHO MISSIONÁRIO PRESBITERIANO NO BRASIL

Jamilly da Cunha Nicacio
jamillynicacio@hotmail.com
Arlida Inês Miranda Ribeiro
(UNESP)

Resumo

Este texto é parte de uma tese de doutorado na área de Educação sobre Mary Dascomb e Elmira Kuhl, educadoras norte-americanas que vieram para o Brasil na segunda metade do século XIX, e que juntamente com a missão de evangelizar, desenvolveram um projeto educacional. O êxito destas atividades dependia do trabalho, dedicação e disponibilidade destas missionárias solteiras. Este trabalho analisa as relações entre gênero, cultura e religião, do final do século XIX ao início do século XX, apresentando algumas reflexões teóricas sobre a história cultural, religião e de gênero. Partimos do pressuposto que esta missão presbiteriana norte-americana almejava converter o outro, embutindo no outro sua cultura e valores, as fronteiras e relações entre gênero e religião. Os documentos utilizados para a produção deste artigo são as cartas escritas por essas educadoras, que nos mostraram a maneira como pensavam, sentiam e nos contam sobre seu trabalho no Brasil durante os anos que se dedicaram ao projeto educacional. Destacamos a presença dessas missionárias, tendo como objetivo uma análise das diferenças entre ser casada ou solteira, comparando sua condição diante da sociedade e sua maior disponibilidade para o trabalho missionário e educacional.

Palavras-chave: Educadoras Presbiterianas no Brasil. Educação Confessional e Gênero no século XIX. Missionárias Americanas Solteiras e Casadas.

Introdução

O presbiterianismo foi implantado no Brasil no final do século XIX, por missionários procedentes de duas denominações norte-americanas: a Igreja do Norte (PCUSA) e a Igreja do Sul (PCUS). A primeira tinha como agência missionária a Junta de Missões Estrangeiras, sediada em Nova York, e a igreja do sul tinha um Comitê de Missões Estrangeiras, sediado em Nashville, Tennessee. Ambas as organizações eram firmes partidárias da educação como um importante instrumento da obra missionária.

Norte e Sul separavam-se, no entanto, por questões ideológicas: enquanto a economia do Sul se desenvolveu com base na agricultura, no sistema de *plantation* e na manufatura, a do Norte e do Noroeste se desenvolveu com base na construção naval e na pequena indústria artesanal, tendo uma característica urbana, comercial e industrial, com vistas a atender tanto o consumo interno quanto o mercado externo. A expansão territorial dos Estados Unidos, em 1848, acabou

3112





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

por agravar as amargas divergências entre o Norte e o Sul sobre a questão da escravidão, levando-os a uma guerra:

[...] difícil dizer se a ‘Guerra Civil’ e a ‘reconstrução’ foram as causas principais dessas imigrações. Pode-se, porém, afirmar que, segundo certa estimativa, dos 10.000 sulistas, aproximadamente, que deixaram os Estados Unidos depois da Guerra de Secessão, cerca de 2.000 sulistas em sua maioria radicaram-se no Brasil. Haviam perdido seus escravos, ou melhor, o estilo de vida que a escravidão lhes proporcionava. Visavam, por conseguinte, fixar-se num país onde ainda vigorava o regime econômico de sua preferência, embora alguns dos que os chefiavam já tivessem previsto que também no Brasil a escravidão estava prestes a extinguir-se. (GOLDMAN, 1972, p. 10)

Segundo Matos, a implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços de igrejas norte-americanas, que ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento financeiro e de pessoal em muitos pontos do território brasileiro. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte (PCUSA), a Igreja do Norte, cuja Assembleia Geral foi organizada em 1789, criou uma junta de missões Estrangeiras, sediada em Nova York, em 1837. Dentro de poucos anos essa Junta enviou missionários para a Índia, Tailândia, China, Colômbia e Japão.

O Brasil foi o sexto país a receber missionários da Junta de Nova York, começando com o pioneiro Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro, então capital do império, em 1859. Na segunda metade do século XIX (1859-1900), a PCUSA enviou ao Brasil cerca de cinquenta e cinco obreiros, incluindo missionários, suas esposas e missionárias solteiras. (MATOS, 2004)

Eliane Silva relata que após a Guerra de Secessão, a participação das mulheres no trabalho missionário foi profissionalizada, alterando sua função dentro das igrejas. No entanto, a autora salienta que o trabalho profissional como professora, uma atividade remunerada feminina, sempre conservou um caráter vocacional, de missão marcada pela abnegação e dedicação: a docência seria uma extensão da maternidade espiritual exercida sobre os alunos e alunas, neste sentido, podemos nos remeter ainda às considerações sobre gênero presentes na obra de Louro. (SILVA, 2008; LOURO, 2003) Tais considerações serão abordadas a seguir:





Discutindo Cultura, Gênero e Missionarismo Feminino

Uma nova política cultural, a política de identidade, vem se firmando como uma teoria de pesquisa, buscando dar voz a personagens tão interessantes e que por tantos séculos foram deixados de lado. Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, questionando teorias e conceitos, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais.

“A cultura”, diz Stuart Hall “é agora um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio”. Daí porque não deve nos surpreender que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, “simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma ‘política cultural’”... (HALL, 1997, p. 20).

A sutileza do embate cultural requer um olhar igualmente sutil. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se tratamos neste trabalho. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito. As noções de norma e de diferença tornaram-se particularmente relevantes na contemporaneidade. É preciso refletir sobre seus possíveis significados.

A norma, ensina-nos Foucault, está inscrita entre as artes de julgar, ela é um princípio de comparação. Sabemos que tem relação com o poder, mas sua relação não se dá pelo uso da força. A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se naturalizar. (FOUCAULT, 1992)

Quanto à diferença, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou só pode se constituir em uma relação. A diferença não pré-existe nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; em vez disso, ela é atribuída a um sujeito quando o relacionamos a um outro que é tomado como referência. Portanto, se a posição do homem branco heterossexual de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

classe média urbana foi construída, historicamente, como a identidade referência, segue-se que serão diferentes todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem.

Continuamente, as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais. Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados.

Mary Parker Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Formou-se no Oberlin College, em Ohio, no ano de 1860. Veio para o Brasil em 1866 como professora dos filhos de James Monroe, que era presbiteriano, cônsul americano no Rio de Janeiro e havia sido professor em Oberlin. Em 1869 Miss Dascomb retornou ao Brasil, como missionária. Trabalhou inicialmente no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à igreja do Rio, e depois, por algum tempo em Brotas, Rio Claro e viveu a maior parte de sua vida em Curitiba, onde faleceu em 1917, aos setenta e cinco anos de idade. (NICACIO, 2011) Miss Mary Dascomb, além de educadora, tinha outras habilidades, era organista da igreja e ainda, regente do coral da Igreja Presbiteriana de São Paulo, formado em 1887. (KERR; KERR, 2003). Habilidades estas que foram requisitos – para além do fato de ser solteira – para integrá-las à missão de evangelizar e educar.

O desenvolvimento das missões protestantes no Brasil esteve ligado à expansão econômica e política norte-americana na América Latina e na América do Sul, iniciada no século XIX e consolidada no século XX. A estratégia utilizada pelos missionários religiosos protestantes, para influenciar o povo e a elite brasileira para a nova religião foi utilizar as escolas e seminários. Se as escolas promoviam uma educação liberal idêntica às recebidas pelos estudantes norte-americanos, os seminários, por sua vez, formavam pastores nacionais que atuavam diretamente junto à população, evangelizando ou educando. (CLARK, 2005)

Os protestantes, além de serem acolhidos pelos liberais e republicanos receberam apoio dos anticlericais e maçons, pois estes tinham o ideal de trazer novos valores para a sociedade brasileira e entendiam que isso poderia acontecer com uma renovação da mentalidade das novas gerações. Segundo Hilsdorf, as escolas americanas de confissão protestante trariam para a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. Aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático; aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações científicas, a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anticlericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo, a par de uma completa oposição à Igreja Oficial. A todos, enfim, pelo cuidadoso aparato pedagógico que exibiam em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja como formação imediata para a vida. Numa província como a de São Paulo, que despertava para as grandes questões do século – democracia, laicização da vida pública, formação da mulher, educação popular – seriam justamente as elites políticas e culturais as primeiras a incentivar o trabalho dos missionários protestantes americanos. Os ideais e valores que elas compunham para a nova sociedade brasileira eram vistos como condizentes com as diretrizes culturais e pedagógicas das igrejas reformadas americanas, e não com as do ensino oficial católico ultramontano. Era nas escolas americanas de fé protestante que residia a possibilidade de se formar as novas gerações na prática das qualidades políticas e intelectuais necessárias para se colocar o país à altura do século. (HILSDORF, 1977)

Nascimento salienta que os colégios protestantes atraíam os filhos dos republicanos e liberais, que apresentavam anseios de modernização. Os grandes colégios protestantes apresentaram cursos para todos os segmentos, desde o Jardim da Infância, até o Curso Normal, onde professores eram preparados para exercerem o magistério. (NASCIMENTO, 2008) Portanto, a fundação das escolas pelas missões protestantes representava uma resposta às necessidades dos imigrantes, trazia inovações pedagógicas que já haviam sido testadas, despertava para as questões políticas e culturais, ao mesmo tempo em que servia também como elemento de penetração na sociedade brasileira e como meio de propagação indireta das atividades de evangelização.

Quanto aos professores, a presença desde o início das atividades escolares, de pessoal especializado para o magistério, credenciava os colégios protestantes americanos quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho. Em particular, a vinda de “schoolmarms” professoras





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

missionárias diplomadas nos Estados Unidos e frequentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular, foi uma constante: Mary Dascomb era formada pelo “Oberlin College”, enquanto Elmira Kuhl, sua companheira, diplomou-se pelo “Women’s College”, de Bordentown, New Jersey. (HILSDORF, 1977)

Antes de falarmos sobre os pressupostos garantidos pela solteirice de nossas educadoras, Dascomb e Kuhl, discutiremos algumas considerações e conceitos que permeiam os estudos de gênero, para que possamos salientar a importância da presença feminina no século XIX e mais que isso, a importância de ser solteira.

Hall mostra que o Feminismo introduziu aspectos inteiramente novos à sua luta de contestação política, na medida em que abordou temas como família, sexualidade, trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, etc. Além disso, enfatizou como uma questão política e social, nos personifica como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação, como homens/mulheres, mães/pais, aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. (HALL, 1997)

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos. Tal determinismo serviu muitas vezes para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas. O que importa, na perspectiva das relações de gênero, é discutir os processos de construção ou formação histórica, linguística e social, instituídas na formação de mulheres e homens, meninas e meninos. (LOURO, 2003)

Os estudos feministas sempre estiveram preocupados com as relações de poder entre mulheres e homens. A princípio, tais estudos procuravam chamar a atenção para as condições de exploração e dominação a que as mulheres estavam submetidas. Como refere Louro, além de uma ferramenta teórica potencialmente útil para os estudos das ciências sociais, o gênero despontava como uma importante categoria analítica para a História, em especial para a História da Educação. (LOURO, 2003) O caráter político destes estudos pode ser considerado uma de suas





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

marcas mais significativas, apresentando condições indispensáveis para o fazer acadêmico, esses sujeitos ocultos seriam agora problematizados.

Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances. Assumia-se, que tais questões eram interessantes, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinham (e tem) pretensões de mudança. É preciso considerar, porém, que grande parte da produção brasileira vinculada aos estudos feministas nos últimos anos, se concentrou no estudo das mulheres. Muitos destes trabalhos procuraram descrever a situação da mulher em termos de opressão e desigualdade social. No entanto, atualmente as pesquisas neste campo têm se voltado para o caráter relacional dos gêneros, entendendo que mulheres e homens, meninas e meninos são formados em relação – uns com os outros e também no entrecruzamento de outras categorias, como classe social, religião, etnia, nacionalidade, geração (LOURO, 2003)

Mary Dascomb, como tantas outras mulheres, surpreendeu o Brasil no século XIX, atravessando um perigoso oceano para abrir escolas, sendo missionária e educadora em terras brasileiras. Ela trará em sua bagagem uma autoimagem etnocêntrica, concebida pela crença de fazer parte de uma civilização modelo para outras nações. De acordo com este pensamento, fomentado no século XIX, ela atendeu ao chamado missionário da Igreja Presbiteriana e veio ao Brasil, especialmente, para trabalhar no projeto educacional. Sua presença foi fundamental para que a premissa de abrir ao lado de cada igreja uma escola se transformasse numa realidade. (NICACIO, 2011)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Mary Dascomb quando nova, o semblante era fechado, austero.

Fonte: Arquivo Mackenzie

Apesar da orientação norte-americana de, no final do século XIX, atribuir às mulheres a incumbência de educar nossas crianças e adolescentes, muitas vezes, segundo Almeida, os membros da Junta de Nova York manifestaram dúvida e preocupação quanto à possibilidade de as missionárias ensinarem meninas nos lugares ermos do interior, por conta das privações e riscos a que eram submetidos os evangelizadores. (ALMEIDA, 2007)

Ribeiro, ao estudar sobre a educação das mulheres no século XIX, mais especificamente na cidade de Campinas, aponta que neste período era mesmo de se estranhar a coragem de muitas mulheres e também dos pais dessas mulheres, ao autorizarem uma viagem tão cheia de perigos e mistérios, dando às suas filhas a liberdade de viver num país estrangeiro, etnograficamente inferior ao que lhe era de origem:

É interessante observar que seu deslocamento para outra região implicava em atitude de coragem e persistência: a viagem era muito difícil, devido aos meios primitivos de transporte [...]. Chama a atenção também o fato dos pais serem despreendidos em confiarem à travessia de uma filha, mulher, muito jovem ainda, para tão longe e sozinha. (RIBEIRO, 2007:3)

Apesar desses temores, como já vimos, muitos missionários, educadores e mulheres missionárias, casadas que vinham para acompanhar seus maridos, ou missionárias educadoras solteiras, foram enviados para o Brasil, com o intuito de frutificar os investimentos das igrejas norte-americanas.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Através de suas cartas, escritas no período de 1886 a 1912 endereçadas ao médico e educador Horace Lane, radicado em Campinas/ SP, podemos observar a autoimagem desta educadora americana e a imagem que ela fazia do Brasil. A educação protestante era concebida como um caminho para a modernização. A mulher que até então, apenas orava e não tinha nenhum acesso ao ensino, e consequentemente aos espaços públicos, nesse momento, finais do século XIX, encontra as portas abertas pela educação e religião, para transitar, ainda que com restrições, neste espaço, tencionam a lógica patriarcal, na busca da apropriação do espaço que durante tantos séculos lhes fora historicamente negado. (NICACIO, 2010)

Neste sentido, como é possível depreender da leitura da obra de Louro, a escola se tornou produtora de diferenças, distinções e desigualdades. A escola que a sociedade ocidental moderna herdou separa adultos de crianças, ricos de pobres e meninos de meninas. Herdamos, e agora de muitas maneiras mantemos, uma importante instância de fabricação de meninos e meninas, homens e mulheres. O trabalho de conformação que tem início na família encontra eco e reforço na escola, a qual ensina maneiras próprias de se movimentar, de se comportar, de se expressar e, até mesmo, maneiras de 'preferir'. Louro destaca, contudo, que os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. “Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.” (LOURO, 2003: 61)

No entanto, no Brasil, o trabalho missionário que não poderia estar dissociado do trabalho educacional, e a presença das mulheres que foi fundamental para que o projeto educacional presbiteriano se concretizasse, não foi reconhecido. Para educar este povo, as mulheres presbiterianas que para cá vinham junto com a missão, foram sempre chamadas, de auxiliaadoras¹, mas, e se pensarmos que as mulheres desempenharam o papel de protagonistas? Será que a presença das mulheres presbiterianas não era fundamental para a missão? Se o sacerdócio universal era uma premissa religiosa, como os brasileiros poderiam ler se antes mesmo de convertidos não fossem alfabetizados?

¹ A organização das mulheres presbiterianas no Brasil é chamada de SAF: Sociedade Auxiliadora Feminina, baseada no versículo bíblico de Gênesis, capítulo 2, versículo 18: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma **auxiliadora** que lhe seja idônea”.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Assim, a vinda de mulheres como Mary Dascomb, contribuirá para mover o processo histórico e transformar hábitos mentais demasiadamente arraigados na consciência individual e coletiva, à medida que, esta educadora, agindo e (re) agindo na relação de interdependência como ser social, contribuiu para ampliar ou afrouxar o *habitus*². (ELIAS, 1994) A educação civilizadora da mulher é um caminho que se abre para que a mesma possa transitar por espaços privados e públicos, porém ainda com muitos limites.

Deste modo, não nos cabe aqui julgar se o objetivo da emancipação feminina foi alcançado por ela, mas é digno de nota o impacto que mulheres estrangeiras provocaram na sociedade quando aqui chegaram. É possível imaginar como causaram burburinhos, especulações e curiosidades essas mulheres solteiras, que vinham de tão longe, sozinhas, para trabalhar em prol da educação em meio a uma sociedade marcadamente patriarcal, onde as mulheres eram privadas dos seus direitos e sua liberdade, estando sempre dependentes de seus maridos.

Segundo Silva, o maior obstáculo para a ampliação pública feminina era, na verdade, os homens, seguindo os preceitos bíblicos pregados pelo apóstolo Paulo, o homem predominava sobre sua família, sobre a sociedade e na Igreja, sendo esta predominância um mandato divino, uma ordem da criação. Curiosamente, ou ironicamente, as mulheres eram o grupo mais numeroso das primeiras igrejas evangélicas durante o século XIX. Outro apontamento importante é o fato de que estes colégios americanos, ligados à igreja presbiteriana, não visavam atender apenas aos brasileiros, mas era, também, um receptor de alunos oriundos de famílias emigrantes norte-americanas chegados ao Brasil após a Guerra Civil. (SILVA, 2088)

² Embora tenha sido empregado primeiramente pelos gregos, o conceito ganhou importância sociológica na teoria do processo civilizatório de Norbert Elias e na teoria da ação social de Bourdieu. Para Bourdieu, o *habitus* surge como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. (BOURDIEU, 1983) *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. O *habitus* alia as práticas sociais indicando aos indivíduos as melhores respostas e atitudes em relação às condições objetivas dadas. Se o *habitus*, enquanto produto social, direciona as práticas e aspirações individuais, então os agentes sociais, ao agirem, acabam por reproduzir estruturalmente a matriz de disposições, bem como as condições objetivas que suportam esse *habitus*. Segundo essa teoria, podemos perceber o processo educacional como um disseminador de desigualdades e diferenças, pois a escola opera uma violência simbólica na medida em que reforça o *habitus* primário, ou seja, a socialização familiar que, entre outras tarefas, repassa o capital cultural de classe daqueles destinados a ocuparem posições médias e altas na hierarquia social, ou daqueles que no caso do nosso objeto de estudo, se consideravam culturalmente e moralmente superiores.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Nossas missionárias, Kuhl e Dascomb, faziam parte do seleto grupo de mulheres que passaram a fazer parte do mercado de trabalho brasileiro no final do século XIX, atuando como professoras. Era crescente, neste período, o número de mulheres de diferentes classes sociais e culturais, daqui, Estados Unidos e Europa, que buscavam uma forma de independência financeira que garantisse sua sobrevivência após a morte dos pais ou que as livrasse da dependência dos compromissos matrimoniais. (RIBEIRO, 2007)

Ao contrário de educadoras casadas, como Mary Chamberlain, responsável pelo início das atividades da Escola Americana em São Paulo, depois denominada Mackenzie, nossas mulheres não estavam presas ao matrimônio. Estar casada no século XIX significava ser responsável por um lar, no sentido afetivo, e por uma casa, no sentido material, suprimindo as necessidades físicas e psicológicas do marido e dos filhos. Uma mulher casada deveria lavar, passar, cozinhar, marcar a ferro o paletó e no caso das educadoras norte-americanas, ainda dedicar-se ao desenvolvimento do projeto educacional e por vezes, suprir a ausência do marido nos compromissos da igreja, dando aconselhamentos e até assumindo a responsabilidade de falar nas reuniões religiosas, apesar de ainda hoje o trabalho feminino não ser oficialmente reconhecido por esta instituição.

Para Georges Duby e Michelle Perrot, não dar voz a essas educadoras é recusar a ideia de que as mulheres são em si mesmas objeto de história. É seu lugar, sua condição, seus papéis e poderes, suas formas de ação, seu silêncio e sua palavra que devemos perscrutar, é a diversidade de sua representação que nos interessa. Os autores afirmam que era confiada à mulher protestante a missão de secundar ativamente o marido e de ser para ele realmente um parceiro. Ela aparece, em grande parte, como responsável pelo bem-estar efetivo e simultaneamente pela ascensão cultural e social do casal e da família. (DUBY; PERROT, 1991)

Duby e Perrot dedicam um capítulo inteiro às mulheres protestantes do século XIX, analisando o importante papel desenvolvido por elas para que o trabalho missionário fosse realizado com sucesso. Elas seriam responsáveis por organizar a vinda dos pregadores itinerantes a seus lugares de destino, pelo êxito deste pregador, pelas multidões a quem ele falava e até pela influência durável que ele podia exercer. Segundo os autores, tudo isso dependia amplamente da capacidade organizativa e da irradiação religiosa da “hospedeira”. (DUBY; PERROT, 1991)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Essa era a situação habitual das mulheres que trabalharam no projeto missionário presbiteriano ao longo do século XIX, visto que elas estiveram associadas ao ministério do marido, e quando solteiras, também recebiam tal responsabilidade. Como vimos na carta que Dascomb escreveu para Horace Lane em 29 de julho de 1886, quando nossa educadora cumprimenta o missionário educador pela passagem de seu aniversário: “Você sabe de quem é o aniversário? Te desejo muitos anos de vida. Em meu livro de citações [...] sua frase é de Lowell “Rei de duas mãos, ele faz sua parte”. E no capítulo de Provérbios – “Muitos – se comportaram virtuosamente, mas tu excedeste a todos eles.” De modo que o sucesso destes homens dependia em parte das qualidades de que elas davam prova.

Essas mulheres não possuíam, no entanto, qualquer estatuto oficial, qualquer legitimidade institucional. Mas, na maioria dos casos, foi-lhes atribuído, pelo mesmo, certo numero de funções: recebem e visitam, ensinam e cuidam, podem frequentemente e sem perigo nem inconveniência deslocar-se a lugares onde, normalmente, uma mulher não vai nem deve ir.

Duby e Perrot afirmam que, quando o pastor precisava se ausentar para visitar outras igrejas, a sua esposa poderia tornar-se um guia espiritual temporário. Teóloga autodidata, ela reconfortava, aconselhava, explicava a Bíblia, dirigia reuniões de oração. Nessa, e em outras passagens de seu livro, Duby nos conta que as mulheres eram socialmente engajadas, não apenas na educação. Cita como exemplo, que, um “punhado” de mulheres das classes superiores consagraram as suas vidas e puseram em jogo a sua posição social para organizarem um movimento antiescravagista feminino, fundando três sociedades, nos Estados Unidos no século XIX. Organizaram-se ainda, no combate à prostituição, que segundo elas, estava diretamente relacionada com a negligenciada educação, com os insuficientes salários e a ausência de certos direitos civis das mulheres, em resumo, um conjunto de “iniquidades sociais” comuns ao período. (DUBY; PERROT, 1991)

Nossas duas mulheres, além de serem parte deste engajamento social apresentado por Duby e Perrot, eram solteiras, não estavam pressas aos afazeres domésticos, aos cuidados com a prole, ou à dependência “honrosa” em relação aos homens. Elas possuíam um determinado nível de instrução, ganhavam seu próprio sustento e, como consequência, usufruíam de prerrogativas masculinas na esfera pública, de poder, mando e autonomia com relação a seu próprio destino.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dedicadas integralmente ao trabalho e livres até de suas relações afetivas, estas mulheres espelhavam certo ideal de pureza, castidade e virtuosidade feminina, que lhes garantiam a moralidade necessária para existir de forma independente. (SILVA, 2008)

Neste sentido, acreditamos que a visão de moralmente corretas, era uma visão do outro, uma vez que nas cartas redigidas por Mary Dascomb, encontramos uma escrita irônica e que muitas vezes, “alfinetava” seus companheiros de trabalho. Como veremos: Em sua carta de 21 de julho de 1886, Dascomb deixa claro seu repúdio, por uma amiga, Mariquinhas Pereira, receber em sua cidade um jovem, que ela descreve como “totalmente sem religião”, expondo ao final sua autoritária opinião: “Espero que ela não o faça!”. Na carta de 29 de julho de 1886, ao referir-se a um missionário recém chegado ao Brasil, ela dizia que “este, agradou a todos, até mesmo a Lydia”, provavelmente uma moça tímida, que agora “saiu de sua concha”. Na mesma carta, Dascomb critica um noivado, dizendo que os noivos “agiram como um menino de 20 anos ou uma menina de 16, ou como num romance do tipo mais romântico!”, nossa educadora provavelmente esperava uma atitude mais madura dos futuros cônjuges. Dascomb também se “horroriza” com a diferença de idade entre um outro casal: “Miss Leslie (professora), vai se casar com o sorridente Willi Hentz, dentista, 5 anos mais jovem do que ela”, tal diferença de idade era considerada empecilho para uma união nos oitocentos, uma vez que o mais comum e aceitável era os homens serem mais velhos que suas esposas. Em outro ponto da carta, ela critica um tal de Mr. Scr., pois o considera “brusco demais para fazer qualquer mulher – ou menina – feliz”.

Nas cartas de 3 de agosto de 1886, a educadora continua suas alfinetadas em tons pouco missionários. Ao narrar sobre as características físicas de um rapaz, descreve-o como “um solteiro corpulento, com o coração macio, que na falta de outros laços, ama Brownie com um afeto mais comum em mulheres que em homens”. Segundo ela: “É difícil associar suas cartas com sua foto”. Ao final da carta, ela reclama da irresponsabilidade do educador Mr. Riedel, que “falta algumas vezes, sem avisar” e termina com uma observação absurda, a respeito da obesidade de Mr. Morse, a quem ela chama de “o homem elefante”, Mr. Morse deseja ser educador, e Dascomb termina exclamando: “precisamos de mais espaço!”

Na carta de 18 de agosto de 1886, Dascomb tece críticas à gula de jovens senhoras que visitaram a escola e a igreja, dizendo que “as jovens senhoras tiveram uma boa estadia aqui,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

apesar de alguns problemas de saúde, devido em grande parte, talvez, a sua predileção por doce”. Na sequência, Mary fala sobre dois homens que passaram a noite toda conversando, e lamenta a companhia de Joe Emerson, dizendo: “imagina só você se entreter com aquele miserável do Baird!”. Ainda sobre o tal Baird, ela diz a Horace Lane, em tom autoritário que será preciso dar-lhe uma lição: “estou com medo de seu miolo mole entrar em frenesi lunático – crimes foram cometidos por indivíduos que não tem a mente sã”.

Dentro de sua visão etnocêntrica, de comparação à riqueza e punjância do que vivenciou nos Estados Unidos, na carta de 4 de setembro de 1899, Dascomb fala que o Paraná, é um estado “pobre”, e que sua companheira de trabalho Elmira Kuhl normalmente oferecia ajudas financeiras temporárias, tirando 1:00\$ de seu salário. A crítica vem logo em seguida, pela não concordância aos empréstimos da professora, ao dizer que em nosso país, não há dinheiro, “exceto talvez para corridas de cavalos, jogos de azar, teatro, dançarinas e coisas semelhantes”, como se nossos homens fossem todos viciados e adúlteros. Isso porque, segundo Santos, no século XIX, o Paraná dispunha de facilidades no transporte e engenhos começaram a ser implantados na região. O deslocamento de engenhos do litoral em direção a Curitiba e a construção de novos estabelecimentos, demonstram o clima econômico deste estado na segunda metade do século XIX. (SANTOS, 2001)



Mary Dascomb mais velha, mesmo semblante e as mesmas roupas
Fonte: Arquivo Mackenzie





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Elmira Kuhl, nossa outra educadora e companheira de Dascomb até seus últimos suspiros, nasceu em 1842, na cidade de Copper Hill, em Nova Jersey. Frequentou a escola municipal e, aos 16 anos, ingressou no Instituto Presbiteriano de Peekskill, em Nova York, onde ficou por um ano. Matriculou-se, então, no colégio Feminino de Bordentown, em Nova Jersey e, em 1865, recebeu permissão para lecionar na escola pública de sua cidade natal. A Junta de Missões de Nova York a nomeou para o trabalho missionário no Brasil em maio de 1874 e, um mês depois, ela chegou aqui. (NICACIO, 2011)

Em São Paulo, Elmira foi trabalhar na Escola Americana, assumindo a direção do Internato Feminino. Lecionava para uma grande classe, composta de estudantes franceses, alemães, americanos e brasileiros, dava aulas de inglês, desenho, aritmética, geografia e doutrina cristã. Elmira também relatou, em uma de suas cartas, sobre a criação da Sociedade Auxiliadora Feminina, chamada por ela de “sociedade de costuras”, que chegou a reunir sessenta senhoras, e visava angariar fundos para a construção do templo. Em 1890, esteve entre os fundadores do Hospital Samaritano. Lecionava também na escola dominical, participou da Sociedade Auxiliadora Feminina e de trabalhos evangelísticos (MATOS, 2004).



Elmira Kuhl jovem e mais velha, mesmo semblante, mesmas roupas.
 Fonte: Arquivo Mackenzie

Essas educadoras e missionárias norte-americanas solteiras, reforçavam a ideia de que o casamento seria um impasse, um fardo ao desenvolvimento intelectual feminino, uma vez que o casamento e os outros compromissos de uma mulher casada, eram muitos. Sendo solteiras, teriam tempo para de se dedicar de forma integral ao trabalho missionário em terras distantes.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Para DeBerg escreveu que o discurso fundamentalista religioso acerca de gênero vinha da visão conservadora de evangélicos, de como eles percebiam e reagiam contra as rupturas na ideologia dominante de gênero e nos comportamentos sexuais e sociais de gênero. Assuntos relacionados com a identidade e comportamentos sexuais ocupavam um lugar central nos ensinamentos morais e religiosos evangélicos. Analisando as mudanças decorrentes da industrialização, urbanização, crescimento da burguesia e das classes na época vitoriana, a autora aponta as grandes modificações nos papéis sociais de gênero e que assumiram uma importância sem precedentes. (DE BERG, 2000)

Para Silva, esta geração de mulheres do século XIX, formada por operárias, ativistas dos direitos femininos, sufragistas, intelectuais, profissionais liberais, professoras, afetava as construções vitorianas de características e esferas separadas entre homens e mulheres. Para a autora, os protestantes evangélicos conservadores foram os primeiros a reagir contra o que consideravam uma erosão e ruptura da ideologia dominante masculina. Foi contra essa crise cultural dos papéis de gênero, a presença e atuação cada vez maior das mulheres no meio religioso na sociedade, que o protestantismo conservador e o fundamentalismo evangélico emergiram com grande força. (SILVA, 2008)

Um exemplo desse conservadorismo foi o desaparecimento de um jornal escrito e organizado por mulheres, chamado *Our Homes* e que foi substituído pelo *The Missionary Voice*, que seria agora subordinado a um comitê geral, composto apenas por 1/3 de mulheres.

Palavras Finais

O missionarismo protestante americano fez parte de uma cultura que se espalhou em diferentes regiões do mundo a partir da segunda metade do século XIX. Muito mais que uma nova religião, pregavam um novo estilo de vida, uma nova organização social, cultural, política, moral e ética, que valorizava aquilo que a cidadania e a cultura protestante americana consideravam como avanço da civilização.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As conexões históricas entre a expansão missionária, a crescente participação feminina nos movimentos de missões, nas atividades filantrópicas, como profissionais, envolveram mudanças sociais e culturais que marcaram as relações entre religião e gênero.

A origem da correspondência está relacionada à necessidade de comunicação da humanidade. É dessa forma de comunicação, é nas cartas, que nos baseamos para este trabalho. No período investigado, as fontes demonstram que apesar das condições desfavoráveis encontradas nos países para onde estas missões se deslocavam, como a insalubridade, causada pelas múltiplas doenças e o clima, podemos perceber que estes grupos permaneceram aqui e realizaram o trabalho evangelístico e educacional que se propuseram desenvolver no Brasil.

A atuação das missionárias como diretoras, professoras no cotidiano escolar e contribuições para o desenvolvimento do ensino, do ser professora protestante, das práticas educativas e do cotidiano escolar, adquire relevância por possibilitar a elucidação do magistério feminino e de sua importância no cenário educacional brasileiro, principalmente nos Estados de São Paulo e Paraná, onde nossas educadoras mais viveram. Dascomb e Kuhl tiveram o mesmo tempo de vida, nasceram no mesmo ano, 1842 e faleceram em 1917, ambas com 75 anos de idade, Mary em Curitiba e Elmira em Nova York, morreram sem que a notícia da morte de uma pudesse alcançar a outra viva.

Concluindo esse artigo, podemos afirmar que a obra empreendida pelos missionários protestantes no Brasil só pôde ser realizada no final do século XIX no Brasil, por causa da vinda de muitas mulheres solteiras, que longe da necessidade de representarem socialmente modelos de passividade, de serem companheiras de missionários, se colocaram em postos de comando, de gestão, e de liderança no que tange aos processos pedagógicos e práticas escolares presbiterianas. Livre dos grilhões da escravidão doméstica que impinge às mulheres a restrição à esfera doméstica, puderam ter mais acesso à vida pública e, nesse sentido, contribuir enfaticamente, utilizando uma linguagem mais aberta, com suas atuações peculiares.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Referências

- ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 71-87, maio/ago. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CLARCK, Jorge Uilson. *Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal*. 2005. 178 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- DEBERG, Betty. *Ungodly Women: gender and the first wave of American fundamentalism*. Macon: Mercer University Press, 2000.
- DUBY, Georges. PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- FIGUEIREDO, Eneida Ramos. *A Escola Americana Presbiteriana de Curitiba (1892-1917)*. Disponível on-line via: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/317.pdf>. Acesso em 22/04/2012
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GOLDMAN, Frank, Perry. *Os Pioneiros Americanos no Brasil* (educadores, sacerdotes, covas e reis). São Paulo: Pioneira, 1972.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HILSDORF [BARBANTI], Maria Lucia Spedo. *Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- KERR, Dorothea; KERR, Samuel. A Atividade Musical Evangélica no Brasil – por uma pedagogia musical. In.: *Caixa Expressiva* (Publicação Semestral da Associação Brasileira de Organistas). Ano 7, nº 14, 2003, p. 25-32.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MATOS, Alderi Souza. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, Pastores e Leigos do Século XIX*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do . Fontes para a História da Educação: documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil. Maceió: EDUFAL, 2008. v. 1.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do ; BONFIM, Ellen de Souza ; SALES, Tâmara Regina Reis . Correspondência e Missão protestante Norte-Americana no Brasil e na Colômbia. In: IV Encontro Norte/Nordeste de História da Educação, 2012, Aracaju. IV Encontro Norte/Nordeste de Educação. Aracaju : Universidade Tiradentes, 2012. p. 01-13. Disponível on-line via: <http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%207/PDF/Microsoft%20Word%20-%20CORRESPONDENCIA%20E%20MISSAO%20PROTESTANTE%20NORTE-AMERICANA%20ONO%20BRASIL%20E%20NA%20COLOMBIA.pdf>. Acesso em 22/04/2012.
- NICACIO, Jamilly da Cunha. *A Presença Feminina na Ação Educacional Presbiteriana no Brasil do Século XIX (1859 – 1899)*. 2011. 138 p. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – UNESP, Assis, 2011
- _____. As mulheres presbiterianas e a educação no Brasil: Teorias e práticas: reflexões sobre as mulheres nesta história. *XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio*. Rios de Janeiro. Disponível on-line via: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276701409_ARQUIVO_Trabalho-ANPUH-RJ.pdf. Acesso em: 03/04/2012.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

RIBEIRO, A. I. M. . A Educação das Mulheres no século XIX: O colégio de Carolina e Hércules Florence de Campinas (1863-1889). Revista HISTEDBR On-line, v. 1, p. 1-25, 2007. Disponível on-line via: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_020.html. Acesso em 13/04/2012.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Vida Material, Vida Econômica. Curitiba: SEED, 2001.

SILVA, Eliane Moura da. Gênero, religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. *Mandragora*, São Paulo, n. 14, p. 25-37, 2008.

_____. Missionárias Protestantes Americanas (1870-1920): gênero, cultura, história. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 9, Jan. 2011.

